

EXPORTAÇÃO DE FRUTAS BRASILEIRAS O VALE DO SÃO FRANCISCO

Thaine Rossi , Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira

Ciências Sociais Aplicadas - Universidade do Vale do Paraíba - São José dos Campos - SP - Brasil
Rua Ibaté, 31 - JD das Industrias - CEP: 12.241-050 – São José dos Campos – SP- Brasil

thain_e@yahoo.com.br

Professor Assistente Doutor - Universidade do Vale do Paraíba - Av. Shishima Hifumi, 2911-
Urbanova - CEP: 12.244-000 - São José dos Campos - SP - Brasil - edson@vdr.cta.br /

edsonnaaqo@universiabrasil.net

Palavras - Chaves: Exportação, Desenvolvimento, Tecnologia.

Área de Conhecimento VI - Ciências Sociais Aplicadas

RESUMO

No Pólo Agro-industrial de Petrolina-Juazeiro encontram-se os maiores produtores de manga e uva do país, tendo alguns deles já alcançado mercados externos. A área plantada com uva de mesa cresceu no período de 1991/1995 em 71,8% ampliando sua área de 2.620 hectares para cerca de 4.500 hectares, enquanto a produção cresceu no mesmo período em cerca de 344%, correspondendo ao montante de 32 mil toneladas a região cresceu de 1.050 toneladas, para cerca de 12.500 toneladas. Essas para 110 mil toneladas. Nesse mesmo período a exportação dessa cifras geram na região cerca de 18.000 empregos diretos. A cultura de manga também é predominante no Vale do São Francisco, com cerca de 22 mil hectares plantados, sendo a maior produtora Brasileira. Desses, 62,8% encontram-se no Estado da Bahia, 25,7% em Pernambuco e 10,0% em Minas Gerais. A região do Pólo de Agricultura de Petrolina-Juazeiro apresenta a maior densidade de plantio de manga, com 12,5 mil hectares e representa cerca de 57,3% dos plantios de manga existentes em todo o Vale. Essa cultura é responsável por cerca de 16.000 empregos diretos nessa região.

INTRODUÇÃO

O Vale do São Francisco destaca-se na produção de alta qualidade de manga e de uva que atendem às exigências internacionais e, por isso, são destinadas à exportação. Ao todo, são cerca de 12 mil hectares de plantação de manga e 6 mil hectares de uva.

A fruticultura no Vale São Francisco tem experimentado, nos últimos anos, um vertiginoso crescimento, pode-se afirmar, portanto, que o Vale do São Francisco constitui-se em nova fronteira frutícola. O crescimento verificado tem-se mostrado particularmente expressivo no caso das culturas de acerola, banana, coco, goiaba, manga, pinha e uva. Na verdade, o mercado é o grande sinalizador dessas tendências, e os fruticultores, atentos, acompanham esta movimentação, sempre em busca de melhores oportunidades. O Vale do São Francisco, com a agricultura irrigada, deixou de ser apenas uma região de grande

potencial, para se tornar uma região produtora de fato. O pólo Petrolina/ Juazeiro, no submédio do São Francisco, é responsável por uma grande parcela das exportações de Frutas do Brasil.

FRUTAS EXPORTADAS

Uva, Manga, Goiaba, Melão, Coco, Atemóias, Pinha e Mamão. Sendo a Uva e a Manga o carro-chefe nas exportações.

VIAS UTILIZADAS PARA ESCOAR A PRODUÇÃO PARA O MERCADO EXTERNO

A via aérea (custo bem mais elevado) é utilizada 5% do total, já a via marítima é responsável pelos 95% restantes.

A VALEXPOR

Foi criada em 1988 com o objetivo de representar o empresário hortifrutigranjeiro local de forma institucional, intervindo junto aos poderes públicos constituídos, sejam eles nacionais ou internacionais.

Seus membros atualmente (cerca de 1500 produtores associados) são juridicamente independentes, mas que atuam conjuntamente numa associação de caráter mais cooperativo que competitivo utilizada na formulação de estratégias visando atingir objetivos comuns. As relações de confiança e reciprocidade assumem papéis importantes e fundamentais para obtenção de vantagens competitivas, pois a composição dos sócios representa aproximadamente 80% de toda a produção frutícola do Vale e 90% das exportações. A Valexport auxilia os produtores na tarefa de encontrar melhores condições de comercialização e novas variedades de frutas. A produção da uva sem sementes, com maior valor comercial no exterior, resulta desse processo. Outra medida é a produção integrada de frutas, voltadas para exportação. As empresas participantes do programa estão recebendo certificação de origem conjunta.

A CODEVASF

A companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, foi criada em 1974 através da Lei nº6.088 para suceder a Suvale. Atualmente é vinculada ao Ministério da Integração Nacional, destinada a promover o desenvolvimento da região, utilizando a irrigação como força propulsora. Tem por finalidade o aproveitamento, para fins agrícolas, agropecuários e agro-industriais dos recursos de água e solo do Vale do São Francisco, diretamente ou por intermédio de entidades públicas e privadas , promovendo o desenvolvimento integrado de áreas prioritárias e a implantação de distritos agro-industriais e agropecuários.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO VALE

O vale do São Francisco abrange os estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, além do Distrito Federal. Possui uma área de 640.000 Km² e o curso principal do rio tem uma extensão de 2.700 Km, entre as cabeceiras,

na serra da Canastra e a foz, no Oceano Atlântico, entre os estados de Sergipe e Alagoas. Dos 503 municípios, 92 situam-se parcialmente no Vale, ou seja, o território desses municípios se estende além dos limites da bacia hidrográfica do São Francisco.

As águas do São Francisco e de seus afluentes apresentam boa potabilidade. O Vale está dividido em 4 regiões fisiográficas: Alto, Médio, Submédio e Baixo São Francisco.

PRINCIPAL TÉCNICA AGRÍCOLA ADOTADA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

A irrigação, sobretudo nas regiões áridas e semi-áridas, que abrangem cerca de 55% da área continental da terra, se constitui em uma das mais importantes tecnologia para o aumento da produtividade agrícola.

A irrigação é uma técnica agrícola que consiste na aplicação artificial de água às plantas, através de métodos que melhor se adaptem ao solo e seu declive e à cultura a explorar, visando proporcionar umidade adequada ao desenvolvimento normal das plantas, suprimindo a falta, a insuficiência ou a má distribuição das chuvas, com o propósito de incrementar a produção sem o inconveniente de provocar a erosão ou o acúmulo de sais no solo.

O eixo Juazeiro/Petrolina é o pólo de irrigação mais desenvolvido no Vale.

EXPORTAÇÃO DE UVAS E MANGAS BRASILEIRAS

Variedade festival já é responsável por 30% das vendas externas da uva brasileira.

A região de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), no Vale do São Francisco, é responsável pela exportação de 96% da uva e 90% da manga produzidas no Brasil. Em 2002, somente essas duas frutas renderam à região mais de US\$ 78 milhões. Foram embarcadas 25.087 toneladas de uvas, equivalentes a US\$ 32,4 milhões, e 93,5 toneladas de manga, e faturamento de US\$ 45,9 milhões (ver tabela 1.1). Os números são da Valexport (Associação dos Produtores Exportadores de Hortifrutigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco), que tem 52 associados e 600 produtores.

O principal destino das uvas é a UE,

com 95% do total. Os 5% restantes vão para o Canadá e América do Sul. Quanto à manga, 58% destinam-se à Europa, 36% aos EUA e 6% para o Mercosul, Canadá e Chile. Em 2002, a região produziu 240 mil toneladas de uva e 270 mil toneladas de manga. Para obter bons resultados, a associação conta com parceria e convênios com a Embrapa Semi Árido (pesquisa), Sebrae Juazeiro e Petrolina (capacitação); CNPQ (pesquisa aplicada com uva e manga); Instituto de Pesquisas Agropecuárias (análise de solo) e Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de Pernambuco (Ipep).

Sem sementes – A maior sensação na região é a uva sem sementes, variedade festival, que tem se mostrado bastante lucrativa, com produção somente para exportação. Um terço da uva exportada em 2002 foi da variedade sem sementes, responsável por 80% dessas vendas. Este ano deverá ser responsável por 40% da embarcação da produção.

Existe um projeto que dá assistência técnica a produtores de uva sem sementes o Projeto Integrado Senador Nilo Coelho, em Petrolina. Um deles é a gleba 612. As plantas recebem fertirrigação por gotejamento, na raiz. Já fez três colheitas, uma em 2001 e duas em 2002.

A safra do primeiro semestre é bem menor, por causa do clima e do preparo da planta (repouso). No ano passado, nos 2,5 hectares foram colhidas 38 toneladas/hectare nas duas safras anuais, ante 5 a 6 toneladas/hectare na primeira colheita. Só deu pra cobrir os custos no primeiro ano. A previsão, para este ano, é colher 3 hectares. A produção média de uva sem sementes na região é de 20 toneladas/hectare/safra.

A produção é exportada por meio da BMGB, cooperativa de exportadores que negociou a fruta por US\$ 3,6 o quilo no primeiro semestre e US\$ 3,5 no segundo semestre, fora o custo de exportação. O preço é considerado bom, por enquanto. Mas tem caído, por causa da quantidade que tem entrado. O custo de produção da uva sem sementes varia entre R\$ 15 mil e R\$ 18 mil/hectare. A atividade exige o trabalho de 3,5 a 4 homens hectare/mês. O custo de instalação/hectare fica entre R\$ 35 mil e R\$ 40 mil, com irrigação.

Certificação – A Fazenda Andorinha planta 23 hectares de uva festival sem sementes, red globe e benitaka. Participa do

Programa Integrado de Fruticultura (PIF), visando obter a certificação. Há duas técnicas de produção integrada que fazem esse trabalho por meio de amostragem, visando realizar pulverizações. Faixas amarelas, de plástico, são usadas como armadilhas para monitoramento de insetos. Com isso, tem-se conseguido economizar até 40% no uso de defensivos, na área de uva festival. A festival ocupa 23 hectares da fazenda.

Nas entrelinhas das plantações plantam-se milho, crotalaria, mucuna-anã, feijão-de-porco e guandu, para enriquecer o solo com os nutrientes e evitar a erosão. “É o coquetel”, explica Félix. Cerca de 120 dias depois da poda ocorre a colheita. Antes de colher, porém, é passado o trator, que incorpora o coquetel, que é plantado sempre depois da poda da uva. Já na linha de plantio, é feita a cobertura morta com bagaço de cana preparado visando manter a umidade do solo. É uma importante fonte de matéria orgânica e ainda ajuda a reduzir o custo de mão-de-obra.

Colheita antecipada – Além da uva sem semente, na Andorinha cultivam-se as variedades de mesa red globe e benitaka. Esta recebe hormônio etrel, para acentuar a cor vermelha. No ano passado a colheita foi antecipada. A procura começou mais cedo e as uvas estavam bem desenvolvidas, graças a fatores climáticos, como o El Niño, que beneficiou os produtores. As plantas também são pulverizadas com ácido gibereli, um regulador de crescimento. O raleamento tira 70% dos bagos, visando à colheita de uva de mesa no tamanho ideal. Faz também a desfolha para melhorar o arejamento, permitindo a entrada do sol. Faz parte do manejo da Fazenda Andorinha o uso de quebra-ventos para proteger os parreirais da poeira e, conseqüentemente, dos microácaros que vêm junto com a poeira. Para tanto, são plantadas faixas de capim-elefante, que recebem a adubação da uva.

Já a irrigação das plantas ocorre em fases programadas: uma de dia, e outra à noite. A estação meteorológica indica a quantidade de água evaporada e transportada e a necessidade de irrigação. Para ajudar no controle de ervas daninhas, a fazenda tem um rebanho de 150 cabritos. Os animais são soltos pela manhã, no meio do parreiral, para fazer a “limpeza” das ervas daninhas, sempre acompanhados de perto

por um “pastor”, para não deixar os animais comerem os parreirais.

Manga em relação ao Vale e ao Brasil e também verifica-se uma comparação entre os valores em US\$ Mil entre o Vale e o Brasil.

ANÁLISE

Com base na tabela abaixo verifica-se uma comparação entre a produção da UVA e da

TABELA 1.1 - EMBARQUES PARA O EXTERIOR - MERCADO DAS PRINCIPAIS FRUTAS DO VALE.

ANO	UVA				MANGA			
	Colheita (Toneladas)		Valor em US\$ Mil		Colheita (Toneladas)		Valor em US\$ Mil	
	Vale	Brasil	Vale	Brasil	Vale	Brasil	Vale	Brasil
1997	3.700	3.705	4.700	4.780	21.500	23.370	18.600	20.182
1998	4.300	4.405	5.550	5.823	34.000	39.185	29.750	32.518
1999	10.250	11.083	7.910	8.614	44.000	53.765	28.600	32.011
2000	13.300	14.000	10.264	10.800	57.200	67.000	37.180	43.550
2001	19.627	20.660	20.485	21.563	81.155	94.291	43.443	50.814
2002	25.087	26.357	32.460	33.789	93.559	103.598	45.962	50.894

Fonte: Valeport; Sebrae Juazeiro; Sebrae Petrolina.

IMPACTOS CAUSADOS NA REGIÃO DEVIDO AO DESENVOLVIMENTO

A introdução da agricultura irrigada no Vale tem produzido resultados bastante satisfatórios, seja por possibilitar uma convivência mais amena com períodos de seca, seja como elemento catalisador do desenvolvimento regional, a exemplo do que vem ocorrendo nos pólos de Petrolina/Juazeiro e norte de Minas Gerais e Bahia. Petrolina e Juazeiro vem apresentando um excepcional crescimento econômico e desenvolvimento social. A expansão da sua economia vem provocando forte crescimento demográfico, o que quando se soma a população de Petrolina e Juazeiro tem-se mais de 400 mil habitantes. O crescimento do PIB de Petrolina, tem sido de mais de 7 % ao ano nos últimos dez anos. A Fruticultura Tropical, tendo como carro - chefe as culturas de Manga e Uva de mesa, transformou a cidade, que hoje apresenta diversas atividades econômicas do Cluster da Agricultura Irrigada, assim como outros serviços, como os das áreas de educação e saúde.

Nessas regiões verificam-se tanto o desenvolvimento rural quanto urbano, com a incorporação de novas áreas ao processo produtivo; a introdução de novas tecnologia e culturas - inclusive dirigidas a mercados exportadores; a implantação de agroindústrias,

possibilitando melhor aproveitamento da matéria prima e se constituindo em suporte à comercialização e ao crescimento das atividades de comércio e de serviços, entre outras.

As principais conseqüências desses impactos são o aumento da produção e da produtividade agrícola, a maior oferta de alimentos à população, a ampliação da oferta de empregos diretos e indiretos e a geração de renda de forma estável, tanto na área urbana quanto rural, o que leva a consolidação de alguns pólos de desenvolvimento.

Esses pólos têm contribuído para o aumento das exportações e da geração de superávites comerciais, através da oferta de produtos nobres e de alto valor comercial. No mercado interno, detêm participação expressiva na produção de gêneros de primeira necessidade, e no mercado externo, contribuem para o aumento das exportações, notadamente, de frutas. A formação desses pólos aponta para o acerto da política governamental em promover o crescimento sócio-econômico regional usando a agricultura irrigada como instrumento.

Convém mencionar que a agricultura irrigada praticada no Vale do São Francisco ainda precisa ser aprimorada nos aspectos relativos a cultivares de alto rendimento, tratamentos fitossanitários, salinidade de solos, resíduos tóxicos na água e alimentos, melhoria

dos produtos de exportação, processos pós-colheita, estudos de mercado e comercialização, tecnologia agro-industrial, organização de produtores e qualificação de pessoal.

Apesar desses problemas, as atividades agropecuárias na região têm apresentado maior dinamismo, em virtude da expansão da agricultura irrigada e pela crescente integração entre as atividades agrícolas e agro-industriais.

Os projetos públicos de irrigação são implantados, geralmente, em áreas desprovidas de infra-estrutura econômica e social, cabendo à CODEVASF, direta ou indiretamente, canalizar recursos federais para a construção de estradas, rede elétrica, habitações, e promoção da assistência à saúde e educação além da implementação de obras de saneamento básico.

A CODEVASF, ao longo de seus 26 anos de atuação, vem dando ênfase aos estudos sobre o potencial de irrigação do Vale, a implementação da agricultura irrigada e o desenvolvimento de atividades voltadas para o melhoramento da infra-estrutura sócio-econômica nos projetos e pequenas comunidades rurais.

Finalmente, convém destacar que a implementação de outras ações de desenvolvimento, a exemplo daquelas voltadas para a capacitação da juventude rural e para a melhoria sócio-econômica (irrigação comunitária, canais, construção de barragens e adutoras, perfuração de poços, instalação de sistemas de abastecimento de água, implantação de linhas de transmissão de energia elétrica e de estradas) tem um grande impacto em termos de diminuir o êxodo rural e melhorar as condições de vida da população regional.

Essas realizações, em 2000, foram disseminadas por diversos municípios do Vale e beneficiaram cerca de 730.000 pessoas residentes, principalmente, em pequenas comunidades rurais.

CONCLUSÃO

Chega-se a conclusão de que todo o investimento feito no Nordeste deu retorno e lucro trazendo também o desenvolvimento e crescimento para a região, e de forma geral para o Brasil inteiro pois contribui com PIB entre outros fatores. Tem um número elevado de exportações e de produção com qualidade.

O Vale do São Francisco conta com o investimento de diversos setores tanto do setor privado quanto com o do setor público, trazendo assim um benefício geral para o Vale.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Novas Variedades de Frutas Brasileiras, Donadio, Luiz Carlos , Ed. Sociedade de Frutas Brasileiras

**Reunião Técnica de Fruticultura – Ed. Fundação Estatal de pesquisa (FEPAGRO)
Sites da Internet**

www.codevasf.com.br

www.ipea.gov.br

www.seade.gov.br

www.ibge.gov.br

www.embrapa.br

www.atarde.com.br

www2.uol.com.br

www.jt.estadao.com.br